

ENSINO DE SOCIOLOGIA NA GUINÉ-BISSAU: UMA ABORDAGEM A PARTIR
DAVISÃO DOS EGRESSOS DA UNIVERSIDADE LUSÓFONA DA GUINÉ-BISSAU
(ULG) E UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB-CE)¹

Mamadú Boy Djaló²

Joana Elisa Röwer³

RESUMO

Este artigo debruça sobre o ensino de Sociologia na Guiné-Bissau. Para tal, pressupõe compreender a partir da visão dos egressos da ULG e UNILAB-CE sobre o Ensino de Sociologia na Guiné-Bissau. A escolha do tema justifica-se por ser guineense e estudante do curso de licenciatura em Sociologia na UNILAB, e pela necessidade não só de contribuir para o desenvolvimento do ensino de sociologia na Guiné-Bissau, mas também de fazer a sociologia ganhar o espaço tanto nos liceus, assim como nas Universidades do país. Visto que, a sociologia não é vista pelo Estado guineense ou a sociedade como uma área de conhecimento importante como Direito, Medicina, Economia entre outros são. Para realização deste trabalho, optou-se pela pesquisa qualitativa que nos permitiu obter uma compreensão mais lúcida do problema estudado. De igual modo, adotou-se a técnica da pesquisa bibliográfica que nos proporcionou uma coleta de dados abertos, leitura e análise de textos, dissertações e artigos que tratam do assunto da nossa investigação. Além disso, utilizamos formulário eletrônico de entrevista à distância com os Egressos da ULG e UNILAB, no caso da UNILAB, entrevistamos alguns estudantes concludentes do curso de sociologia. Além disso, entrevistamos dois professores do ensino público guineense. Os resultados mostram que, o ensino de Sociologia nas instituições escolares da Guiné-Bissau, ainda se encontra nas suas fases embrionárias, pois nos liceus a sociologia não é obrigatória para todos os grupos do ensino secundário e nas universidades, em termos dos conteúdos ensinados nas aulas de sociologia, percebeu-se que, existe mais abordagem dos autores externos sobretudo euro-americanos do que aos autores nacionais ou seja, sul global.

Palavras – Chave: Guiné-Bissau; ensino de Sociologia; ponto de vista; egressos.

¹ Trabalho de conclusão de curso em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus de Ceará

² Licenciando em curso de Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). E-mail: mamadujusper93@gmail.com

³ Docente da UNILAB. Professora orientadora. E-mail: joanarower@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Sociologia enquanto área de conhecimento surgiu num contexto de profundas transformações sociais na Europa do século XVIII ao princípio do (século) XIX. Ela surge, por um lado, como tentativa de sistematização da reflexão sobre o social e, por outro lado, como instrumento de intervenção no social (MACAMO, 2002, p. 3). Em outras palavras, a sociologia surgiu também como resposta do indivíduo e da sociedade aos desafios que lhes foram colocados pela história (MACAMO, 2002, p. 6). Posto isto, com este artigo, procura-se compreender os desafios e as perspectivas que orientam o processo de formação dos estudantes do curso de Sociologia na Guiné-Bissau, tendo como base de abordagem a visão dos egressos/as da Universidade Lusófona da Guiné (ULG) e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

O sistema de ensino da Guiné-Bissau tem enfrentado dificuldades estruturais que vêm sendo reconhecidas pelos pesquisadores e atores da educação. Dificuldades essas, apontadas na insuficiência de recursos financeiros e humanos qualificados, dificuldades de elaboração e disponibilização de materiais didáticos atualizados e adequados ao contexto nacional; degradação e insuficiência de parque educacional (infraestruturas escolares); atraso no pagamento dos ordenados dos profissionais da área ou docentes etc., tudo isso, contribui no funcionamento precário do sistema de ensino nacional. Segundo Jacira Nhaga (2023, p. 2), “a Guiné-Bissau é um país que tem um sistema educativo precarizado por falta de escolas, professores e Universidades para todos no sector público”.

Gomes da Silva e Prado (2019, p. 4) afirmam que, “após a guerra civil de 1998, a maioria dos governantes guineenses passaram a trabalhar por interesses próprios, atrasando por diversas vezes os salários dos professores, precarizando as relações trabalhistas, não investindo em infraestrutura, entre outros problemas”.

O Estado da Guiné-Bissau investe muito pouco no setor educativo, aliás, o investimento que o Estado faz nesse setor é considerado três vezes inferior à média observada no continente africano. A maior orçamento disponibilizado para o setor

educativo na Guiné-Bissau é consagrada 13 % em 2013, segundo o relatório da UNESCO para a Educação, Ciência e Cultura na Guiné-Bissau (2016).

Este orçamento, ainda segundo o relatório da UNESCO é duas vezes inferior à dos países de nível de riqueza comparável à Guiné-Bissau. Sendo assim, as consequências atingem não só as instituições do ensino secundário (ensino médio) e a prática pedagógica, mas também as do ensino superior. Nesse sentido, Gomes da Silva e Prado (2019, p. 5) afirmam que, “a Guiné-Bissau enfrenta grandes obstáculos nas mais diversas áreas, mas sem que haja um forte investimento na educação, o progresso da jovem nação continuará seriamente comprometido”. Ainda para esses autores, “por mais que ONG, igrejas, agências internacionais desenvolvam projetos educativos, as dificuldades são tamanhas (econômicas, culturais, linguísticas etc.), os estudantes têm sérias dificuldades escolares e pouco deles avançam academicamente”.

Falar da educação na Guiné-Bissau, é falar de dificuldades atreladas à insuficiência de recursos humanos qualificados, atraso salarial dos professores, dificuldades de construção de infraestruturas escolares adequadas, falta de materiais didáticos, entre outras. A Sociologia enquanto disciplina estudada em algumas escolas públicas (liceus) do país e curso superior ministrado em algumas universidades da Guiné-Bissau, certamente, não estão isentas dessas dificuldades. O seu ensino, olhado logo a primeira, apresenta problemas de recursos humanos, materiais didáticos, salariais, infraestruturas e entre outros.

As universidades da Guiné-Bissau são praticamente autônomas, isto é, cada universidade tem autonomia na criação e gestão dos seus cursos, desde projeto político pedagógico até a definição do currículo. No entanto, as dificuldades do sistema nacional impedem a existência de um quadro favorável para a fluidez e prosperidade das instituições particulares em que as universidades privadas se inserem. Por outro lado, as mesmas instituições privadas são abastecidas pelo sistema nacional sobretudo componentes docente e discente. Por isso, vê-se a transgressão de fraquezas do sistema⁴

⁴ Sabe-se que o sistema é composto pelas escolas públicas e privadas, assim como pelos diferentes níveis ou fases do ensino, desde infantil até universitário. No entanto, por uma questão didática destacou-se o ensino privado e as universidades privadas em categoria diferenciada do sistema público.

para as instituições do ensino superior privado. A mesma transgressão transcende o ensino superior para o mercado e a sociedade em geral⁵.

Portanto, são evidentes os desafios da educação e ensino da sociologia em particular na Guiné-Bissau. Todavia, a sua real compreensão demanda pesquisas acadêmicas direcionadas ao seu encontro. É nesse sentido que esta pesquisa foi realizada.

Em termos de organização, dividimos este artigo em sete (7) partes, contando com a parte introdutória. Primeiro, falamos da Metodologia utilizada na produção do trabalho; segundo, apresentamos a Sociologia como disciplina estudada no ensino básico e secundário guineense; terceiro, mostramos a Sociologia enquanto curso de formação na universidade Lusófona da Guiné; quarto, apresentamos a Sociologia enquanto curso de formação na UNILAB-CE; quinto; expusemos as percepções dos sociólogos e sociólogas guineenses formados na ULG e UNILAB-CE sobre o ensino de sociologia na Guiné-Bissau; sexto e último, as nossas considerações finais.

1- METODOLOGIA

Para a produção deste artigo, optamos pelo método qualitativo, que nos permitiu obter uma compreensão mais aprofundada do problema estudado, isto é, o ensino de sociologia na Guiné-Bissau, com ênfase nos desafios e perspectivas na visão dos egressos da Universidade Lusófona da Guiné (ULG) e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Segundo Creswel (2007), “a pesquisa qualitativa é um meio para explorar e entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”. Como técnica de coleta de dados, nos apropriamos da pesquisa documental e bibliográfica, contando também com os depoimentos dos entrevistados. Para Minayo (2001, *apud* Mendes, 2019, p. 3), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Esta pesquisa procura compreender as dinâmicas das relações que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Desse ponto de vista, a linguagem e a subjetividade são inseparáveis.

⁵ Informação conseguida através duma conversa entre eu enquanto autor do trabalho e um professor da escola do ensino Básico Unificado 1° de maio em Bissau, que não prefere a revelação do seu nome.

No ato da entrevista, selecionamos quatro (4) sociólogos formados por cada universidade. Ou seja, no total, entrevistamos oito (8) sociólogos nos quais cinco são de sexo masculino e três são de sexo feminino. No caso da UNILAB dentre quatro selecionados para a entrevista, três (3) são estudantes concluintes de curso de sociologia e um (1) já é formado. Também, entrevistamos dois professores do ensino público na Guiné-Bissau, professor da escola do Ensino Básico Unificado 1º de maio em Bissau e professor da Escola do ensino secundário – Unidade Escolar 23 de janeiro Bloco I, situada também na cidade de Bissau. Segundo Lakatos e Marconi (2010), a entrevista semiestrutura trata-se de um diálogo entre o pesquisador e o informante ou interlocutor, orientado por um roteiro com propósito de obter dados sobre assunto em estudo. Além disso, na perspectiva de Haguette (2010 *apud* Mendes, 2019, p. 3), a entrevista pode ser definida “como um processo da interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador tem por finalidade a obtenção da informação vinda da parte do outro, o entrevistado”.

Creswel (2007, p. 96) afirma que, nas entrevistas, o pesquisador conduz entrevistas face a face com os participantes por telefone e geralmente essas entrevistas envolvem poucas perguntas não estruturadas e em geral abertas, que pretendem extrair visões e opiniões dos participantes. A escolha de categorias para a entrevista deu-se devido a relação de proximidade com a temática do nosso trabalho. Quanto ao critério de participação na pesquisa, optamos pelo lançamento de convite aos participantes supracitados

Para o procedimento da entrevista, criamos um formulário eletrônico que buscou responder à pergunta principal da nossa pesquisa que é: quais são os desafios e as perspectivas da formação em curso de sociologia na Guiné-Bissau? Além dessa pergunta principal, as perguntas secundárias que foram respondidas são: enquanto sociólogo/a, como você avalia o ensino de sociologia na escola pública guineense? Como você avalia a formação em sociologia nas instituições superiores de Guiné-Bissau? Como você considera que a sociedade guineense percebe a sociologia enquanto curso de formação? A sociologia tem contribuído ou está a contribuir no desenvolvimento do país? Que lugar ocupa a Sociologia nos liceus e nas universidades guineenses? Como você considera a utilidade dos trabalhos produzidos pelos sociólogos guineenses na formação de curso de sociologia na Guiné-Bissau?

Por fim, apesar da ULG ser o foco da nossa pesquisa, é importante frisar que ao longo do processo de coleta de dados, procuramos informações sobre a Universidade Colinas de Boé na qual também é ofertado o curso de Sociologia, a nossa intenção era ter o PPC do curso de sociologia dessa universidade. Escrevemos uma carta tanto para Colinas de Boé, assim como para ULG pedindo os PPCs do curso dessas Universidades, mas infelizmente não tivemos resposta satisfatória por parte da Colinas de Boé. A ideia era ter os PPCs juntos para melhor fazer uma apresentação geral do curso de sociologia nessas universidades.

2- LUGAR DA SOCIOLOGIA NO ENSINO BÁSICO E SECUNDÁRIO GUINEENSE

Na Guiné-Bissau, o ensino de sociologia começou praticamente em 2010 com a reforma curricular feita nesse ano. Segundo M'mende e Rower (2019, p. 12), “a sociologia era praticamente uma disciplina desconhecida antes da Reforma de 2010”. A reforma educacional guineense trouxe consigo a introdução da sociologia no ensino secundário, pois anteriormente essa disciplina era inexistente na grade curricular, (LOPES, 2014 *apud* M'MENDE E ROWER, 2019, p. 12).

Ao longo dos anos, o sistema educativo guineense vem sendo caracterizado pela precariedade e desajustamento face às necessidades das suas populações. Isto deve-se essencialmente a fraca percentagem orçamental destinada à educação. Por isso, o sistema tem enfrentado dificuldades estruturais que vêm sendo reconhecidas pelos pesquisadores/atores nacionais e internacionais que interessam em pesquisar sobre a educação na Guiné-Bissau, o nosso caso não constitui exceção. Segundo Mussa Barri (2021, p. 20), “o sistema de ensino guineense deve reorganizar-se melhor e criar condições necessárias de modo a responder as necessidades da sociedade”.

Posto isto, após a reforma curricular feita em 2010, altura em que foi introduzido o nível de 12º ano como limite para a conclusão do ensino secundário⁶, nesse ano a sociologia passou a fazer parte do ensino médio, justamente no último ano de escolaridade (M'MENDE E ROWER, 2019, p. 10). Além disso, essa disciplina (sociologia) só é vista e estudada pelos alunos do quarto e quinto grupo como pode-se perceber na citação que se segue,

⁶ Ensino secundário na Guiné-Bissau corresponde ao Ensino médio no Brasil.

Os estudantes de terceiro grupo, de 9 a 12 ano, tinham as disciplinas de Português, Matemática, História, Geografia, Filosofia, Inglês e Introdução a Economia, enquanto a Sociologia era vista na grade curricular do quarto e quinto grupo, especificamente no último ano dos alunos que são preparados para seguir a formação no curso de Jornalismo e Direito, entre outras áreas de formação superior (M'MENDE E ROWER, 2019, p. 12).

Não obstante, relegada para terceiro, quarto e quinto grupo, a sociologia vem ganhando força e espaço no ensino da Guiné-Bissau, com vários estudantes, sobretudo jovens, querendo conhecer e aprofundar o conhecimento sobre essa ciência. Mas, esse fluxo se verifica apenas nas universidades privadas que se proliferam no país. Graças a elas, o país tem hoje um número considerável de pessoas formadas em sociologia⁷.

Contudo, há um contraste com a realidade nos liceus do país. O facto é que a presença de sociologia enquanto disciplina estudada nas escolas públicas do país, infelizmente ainda não existe no ensino básico de 1^a à 9^a classe e no ensino secundário de 10^a, 11^a e 12^a ano, o seu ensino ainda é muito fraco e em algumas escolas/liceus do país, quase inexistente. E, para além do fraco ensino, não há inovação para que haja mais estímulo dos estudantes à essa disciplina⁸. Neste contexto, Sarandy (2010, p. 6-7) chegou a afirmar que, “ensinar sociologia é, antes de tudo, desenvolver uma nova postura cognitiva no indivíduo”.

Há outro fator inquietante, atualmente, uma boa parte das escolas/liceus públicas na Guiné-Bissau não lecionam a disciplina de introdução a sociologia. A que se deve isso? Esse fator deve-se à relegação da disciplina de sociologia para terceiro, quarto e quinto grupo e esses grupos não são tão procurados pelos alunos nos liceus, em comparação com o primeiro e o segundo grupo. Logo, há escolas que, devido ao fraco nível de procura, são obrigadas a ter somente uma ou duas turmas do terceiro, quarto ou quinto grupo, em detrimento de quatro ou até cinco turmas do primeiro e segundo grupo.

No entanto, em alguns casos, há escolas que nem conseguem ter uma turma completa de terceiro, quarto ou quinto grupo e isso leva à extinção temporária (durante o ano letivo) desses grupos e conseqüentemente o não ensino de sociologia nessas escolas⁹. Além disso, a maior parte dessas escolas/liceus carecem de professores de sociologia, isso

⁷ Realizamos no dia 26/10/2023 uma entrevista através da ligação via WhatsApp, com o professor da Escola Pública na Guiné-Bissau. Professor da escola do Ensino Básico Unificado 1° de maio, situada na cidade de Bissau, no qual nos passou essa informação.

⁸ Informação fornecida pelo professor da escola Unidade Escolar 23 de Janeiro Bloco I. É uma escola pública situada na cidade de Bissau.

⁹ Informação dada pelo professor da escola do Ensino Básico Unificado 1° de maio em Bissau.

também tem influenciado bastante no fracasso do ensino de sociologia no sistema educativo guineense e concomitantemente como resultado, em parte, da própria intermitência da disciplina nas escolas públicas do país.

Perante esta situação, M'femé e Rower (2019, p. 10) afirmam que,

[...], há ausências de formação de professores na área de Sociologia. Essa falta de formação profissional na área explica o motivo do desconhecimento desse campo de estudo por parte dos próprios professores e dos alunos, já que o interesse por uma disciplina depende também do grau de importância dada pelas entidades competentes ou pelo Ministério da Educação na oferta dessa formação. Pode-se dizer que as disciplinas como português, Matemática, Filosofia e Informática são consideradas importantes, por isso há mais investimentos nelas do que em Sociologia.

Posto isto, percebe-se que, a sociologia enquanto disciplina no ensino público guineense, vive uma fase muito instável e a falta de recursos humanos (professores) é uma parte dessa instabilidade. Por isso, recomenda-se que, o Governo guineense através do Ministério da educação o aproveitamento dos quadros formados na área de sociologia e especializá-los para serem professores e idealizadores da sociologia nos liceus, de forma a trazer paixão à disciplina.

Mas antes, é preciso que o governo por intermédio do ministério da educação elabore um plano estratégico prévio a partir do currículo escolar para inserir a disciplina de sociologia em todas as etapas e grupos de terminalidades no ensino secundário do país (ensinar a disciplina de sociologia a partir do ensino básico até o secundário).

A inserção dessa disciplina – sociologia no ensino básico até nos grupos de terminalidade com certeza irá beneficiar muito os alunos, porque além de ajudá-los a conhecer as suas realidades sociais e políticas, assim como as realidades dos outros, também os permitirá desenvolver as suas capacidades críticas e reflexivas. Assim como fornecer-lhes instrumentos para a análise da sociedade, ajudando-os a pensar o lugar da educação na ordem social e compreender as vinculações da educação com outras instituições – nomeadamente, a família, comunidade, igrejas entre outras.

Macamo (2002, p. 2) afirma que, “para sobreviver na modernidade é preciso produzir sistematicamente o conhecimento social. Esta necessidade de produção do conhecimento é que faz da sociologia um momento reflexivo”.

A fala de Macamo demonstra a potencialidade e a importância de estudar a sociologia. Por exemplo, no contexto brasileiro, a relevância de estudar a sociologia foi

destacada por Sarandy (2010, p. 2), ao dizer que, com “a inserção da disciplina de sociologia no ensino médio brasileiro certamente beneficiará o aluno na medida em que lhe permitirá uma análise mais acurada da realidade que o cerca e na qual está inserido”. Na mesma ordem de ideia Batista Reis e Dayrell (2007, p. 14) ambos são brasileiros, também afirmam que, com a inserção da disciplina – sociologia no ensino médio brasileiro certamente “possibilitará o aluno conhecimento sobre o consumo cultural por meio dos instrumentos da pesquisa sociológica, e não por orientações vagas ou opiniões antecipadas”.

Apesar que, esses autores acima mencionados falam a partir da realidade brasileira, que é diferente da realidade guineense, no entanto, nesse ponto específico da educação, mormente a importância do ensino de sociologia no ensino médio brasileiro podemos criar uma ponte de ligação com a Guiné-Bissau, ou seja, podemos fazer uma conexão com a realidade educativa guineense. Pois, os benefícios que o ensino de sociologia pode trazer para os alunos brasileiros do ensino médio, também é possível que o mesmo aconteça com os alunos guineenses do ensino público, caso a disciplina de sociologia fosse inserida não apenas no terceiro, quarto ou quinto grupo, mas sim em todos os grupos de terminalidades.

Portanto, a importância do ensino de sociologia é reconhecida geralmente por muitos estudiosos na formação de cidadão crítico e emancipado capaz de intervir conscientemente na sociedade, promovendo não apenas estudos que ajudam a conhecer a si mesmo, mas também que orientam as políticas públicas implementadas ou a implementar no país (considerando todas as possibilidades de dimensões geográficas possíveis: comunitária, setorial, regional e nacional). Essa potencialidade das ciências sociais e sociologia em particular não deve ser vista apenas no seu aspecto intervencionista, mas também na transformação de indivíduos em sujeitos sociais promotores e gestores de cadeias de ações sociais.

Um país, com ciências sociais consolidadas há possibilidade de ter a massa crítica difícil de dominar ou manipular. Além disso, o governo desse país conta com observatórios, centros de pesquisas sociais aplicados, grupos de pesquisas especializados etc. que, através de seus estudos servem de assessores ou técnicos sociais como dizia o sociólogo brasileiro – Octávio Ianni (1971).

Por fim, é da inteira responsabilidade do governo, através do Ministério da Educação, redefinir a política educativa do país no sentido de olhar todas as disciplinas

estudadas no ensino público como prioridade, inclusive a da sociologia. Essa última é muito importante, pois, ensinar a sociologia aproxima o aluno com a sua realidade, assim como a distância de confronto com realidades distantes e culturalmente diferentes da sua. É nessa perspectiva que recomendamos a inserção da disciplina de sociologia no ensino básico e em todos os outros grupos de terminalidades no ensino secundário do país.

3- SOCIOLOGIA ENQUANTO CURSO DE FORMAÇÃO NA UNIVERSIDADE LUSÓFONA DA GUINÉ

Atualmente, a Guiné-Bissau conta com mais de quatro Universidades, dentre elas, apenas uma é pública - Universidade Amílcar Cabral (UAC) fundada em dezembro de 1999 na cidade Bissau, as outras são privados.

Segundo Arnaldo Sucuma, (2017, p. 41),

A criação da Universidade Amílcar Cabral pelo governo da Guiné-Bissau abriu as portas para o nascimento das universidades privadas que começaram a surgir a nível nacional. Esta proliferação das instituições de ensino superior apresenta uma nova fase no processo educativo no âmbito do ensino superior. Porém, foi necessário que o governo e a assembleia criassem regras capazes de habilitar e orientar o funcionamento dessas instalações.

Posto isto, a sociologia enquanto curso de formação profissional, é ofertada apenas em duas Universidades privadas do país, nomeadamente, Universidade Colinas de Boé e Universidade Lusófona. No entanto, devido às dificuldades em encontrar informações sobre o curso de sociologia na Universidade Colinas de Boé, decidimos centralizar o nosso foco de estudo para a Universidade Lusófona.

A Universidade Lusófona da Guiné (ULG), foi criada no dia catorze de novembro do ano 2008 em Bissau, capital da Guiné-Bissau, através de um decreto do Estado guineense autorizando o funcionamento de vários cursos nomeadamente: Administração e Gestão de Empresas; Ciências da Educação; Direito, Economia; Serviço Social; Sociologia entre outros¹⁰.

A sociologia enquanto curso de formação profissional nessa universidade, “visa proporcionar uma sólida formação que permita a aquisição dos instrumentos teóricos e metodológicos de base para a prática da sociologia”, desse modo, “desenvolvendo competências de compreensão sociológica do mundo atual e de utilização dos

¹⁰ Informação disponível em: <https://teresadamasio.com/16-o-aniversario-da-ulg-universidade-lusofona-da-guine/>

conhecimentos sociológicos nos contextos de prática profissional e de investigação científica” (ULG – GUIA DE ORIENTAÇÃO, 2015, p. 4).

Além disso, o curso de sociologia na ULG,

procura, promover estratégias de formação centradas na aprendizagem e no desenvolvimento de competências sustentadas em metodologias de trabalho ativas e com forte articulação entre teoria e prática, procurando responder às exigências e necessidades do mercado de trabalho. Oferecer aos estudantes de Sociologia, a oportunidade de aceder às grandes referências da tradição sociológica; de identificar, analisar e problematizar os problemas do mundo contemporâneo de modo a compreender a complexidade dos fenómenos sociais; assim como fornecer-lhes um instrumento indispensável para o desenvolvimento, possuindo conhecimentos e competências indispensáveis ao exercício profissional em contextos sociais diversificados (ULG – GUIA DE ORIENTAÇÃO, 2015, p. 4).

Posto isto, percebe-se que, o curso de Sociologia na ULG busca responder às necessidades dos estudantes em termos de aquisição de conhecimentos traduzidos em competências indispensáveis ao exercício profissional, que tem os valores sociais, como fator gerador do bem-estar e do progresso social.

3.1- Condições de acesso ao curso: Funcionamento, Organização, Duração e Área de atuação profissional

Segundo o manual da guia de orientação do curso de licenciatura em sociologia da universidade lusófona de Bissau, mostra que, para ser estudante do curso de sociologia na ULG que lhe confere o título de licenciado/a em sociologia, o estudante teria que terminar o nível de 12º ano de escolaridade, e fazer exame de admissão ou apresentar o documento, neste caso, diploma ou certificado para os estudantes que já teriam concluído um curso superior. Conforme podemos ver na citação que se segue,

As condições de acesso ao curso de licenciatura em Sociologia obedecem aos critérios de entrada no ensino superior em vigor na Guiné-Bissau. Isto é, o candidato deve concluir com sucesso o 12º ano do ensino secundário ou equivalente. Assim, todo e qualquer candidato para este curso, deve obrigatoriamente inscrever-se para o exame de acesso e passar por um teste de admissão. Para além das condições acima referenciadas, pode ter acesso direto ao curso de licenciatura em Sociologia, o candidato que tenha concluído um curso médio ou superior, bastando para isso apresentar um diploma e certificação no ato de inscrição (ULG – GUIA DE ORIENTAÇÃO, 2015, p. 5).

O curso de sociologia na Universidade Lusófona de Bissau funciona em regimes diurno com grupos de turmas a funcionarem no período de manhã e à tarde, e noturno, em função dos candidatos inscritos (ULG – GUIA DE ORIENTAÇÃO, 2015, p. 4).

Em relação a organização e duração, o curso está organizado numa perspectiva de progressão tendo uma duração de quatro anos, prevendo a articulação horizontal e vertical entre as diferentes áreas disciplinares, de modo a garantir um desenvolvimento harmonioso de competências necessárias para um bom exercício profissional (ULG – GUIA DE ORIENTAÇÃO, 2015, P. 3).

A Licenciatura em Sociologia tem a duração de 4 anos e cada ano em dois semestres, totalizando oito semestres para o estudo completo, organizado pelo sistema de unidades de créditos horários (ECTS), num total de 220 ECTS, ou seja, aproximadamente 2640 horas. Para cada ano há um conjunto de disciplinas ou unidades curriculares obrigatórias e algumas disciplinas opcionais que podem ser escolhidas e geridas livremente pelo estudante (ULG – GUIA DE ORIENTAÇÃO, 2015, p. 4).

No que diz respeito a atuação profissional dos estudantes formados na área de sociologia pela ULG, segundo o manual de guia de orientação do curso (2015, p. 5-6), os estudantes formados em sociologia são preparados profissionalmente para atuarem em diversas funções e áreas profissionais, nomeadamente na área de administração pública; na docência, turismo, desporto, cultura; ONGs internacionais, gestão e administração de empresas; nos centros e instituições de formação profissional; nos centros do desenvolvimento comunitário; nos institutos de investigação científica, entre outras.

3.2- Desafio de ser estudante do curso de Sociologia na ULG

Segundo a entrevista realizadas em 2020 pela Aymara Montezuma de Mello – estudante do curso de ciências da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com então coordenador do curso de licenciatura em sociologia da universidade lusófona da Guiné-Bissau, professor Diamantino Domingos Lopes, no quadro do *Projeto de internacionalização do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, mostrou que, os materiais didáticos ensinados na ULG para o curso de sociologia são os livros de diferentes teorias sociológicas, ou seja, os clássicos da sociologia.

No entanto, ainda segundo o Professor Diamantino “dada as dificuldades em encontrar estes livros nas livrarias nacionais, ou nas bibliotecas os estudantes recorrem as reproduções em pequenos capítulos, os conteúdos dos livros considerados interessantes”. Porém, mesmo assim ainda continua ser difícil para os alunos, porque “há muita falta dos recursos didáticos, em quantidade e qualidade das literaturas, os estudantes dão vida para conseguir os materiais didáticos, que até em alguns casos, não se encontram na biblioteca da universidade” (LOPEZ, 2020, p. 6).

Por isso, ainda segundo essa entrevista, Lopez (2020, p. 6) afirma que, “uma estratégia hoje recorrente que os estudantes guineenses de curso de sociologia andam a adotar, são recursos às videoaulas no YouTube, isto vem compensando as lacunas existentes. Nessa ordem de ideia, Sucuma (2017, p. 42) mostra que, “a maioria das instituições do ensino superior na Guiné-Bissau funciona em condições precárias em termos de infraestrutura acadêmica, tais como salas de aulas que funcionam em armazéns adaptados e bibliotecas pequenas com falta de livros.

Portanto, com base nas afirmações desses autores, podemos perceber que o desafio de ser estudante na Guiné-Bissau e em particular de curso de licenciatura em sociologia na ULG é muito intenso. Pois, é muito difícil para o aluno sustentar a sua formação profissional durante quatro anos ou mais com base nas leituras dos resumos de livros, artigos, videoaulas no YouTube. Mas é muito mais difícil ainda estudar numa universidade privada no qual o estudante paga a mensalidade e essa universidade não conseguir retribuir ao estudante aquilo que é considerado o básico para o funcionamento de uma universidade, neste caso, uma biblioteca em condição de responder às necessidades dos discentes.

Por fim, é importante salientar que, para que haja uma boa qualidade de formação profissional do curso de sociologia e não só na ULG, é necessário por parte da universidade a realização de fortes investimentos, desde infraestruturas até a construção de um espaço/biblioteca de qualidade para os estudantes. Só assim, seria possível pensar na formação de qualidade, no conhecimento técnico, assim como o científico que irá ajudar na racionalização do desenvolvimento do país, que poderá ser visível em longo prazo, com consequências benéficas que poderão ajudar a melhorar os indicadores sociais do país como afirmava Sucuma (2017, p. 40-41).

4- SOCIOLOGIA ENQUANTO CURSO DE FORMAÇÃO NA UNILAB-CE

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, foi criada pelo governo do presidente Lula no dia 20 de julho de 2010 através de decreto Lei nº 12.289, autorizada pelo mesmo presidente - Lula e colocada à disposição para o uso no dia 25 de maio (“dia da África”) de 2011 na cidade de Redenção, Estado do Ceará (BRASIL, 2010).

A criação da UNILAB (Lei Nº 12.289/2010) é, ao mesmo tempo, um marco na política de cooperação humanística, científica e tecnológica com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e parte da política de interiorização da educação pública superior em uma unidade federativa que, até o ano de 2010, possuía apenas uma universidade federal. Para garantir a universalidade do acesso à escola, o PNE propõe a criação de licenciaturas presenciais ou à distância visando à formação de professores, principalmente, para a educação básica (PPC SOCIOLOGIA, 2016, p. 12).

Segundo Jacira Nhaga (2023, p. 2), a criação da UNILAB é motivada para “promover a relação Brasil-África com a vinda dos estudantes brasileiros e estudantes de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), que são Guiné-Bissau, Angola, Cabo-Verde, São Tomé e Príncipe e Moçambique, além do Timor Leste”.

Entre outros objetivos, a criação da UNILAB propõe também ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da UNILAB, especificamente os países africanos (BRASIL, 2010).

A sociologia, enquanto curso de formação na UNILAB, foi criada em 2014, e tendo seu primeiro trimestre letivo em 2015 conforme o PPC do curso de sociologia (2016, p. 11). A criação do curso de sociologia na UNILAB de um lado, visa “formar profissionais do magistério para a educação básica, para atuação no Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. Profissionais que valorizem e defendam os sistemas educacionais, e particularmente nas escolas [...]”. Por outro lado, “o curso também objetivo formar profissionais aptos a atuar em espaços educacionais não escolares – tais como órgãos públicos, entidades populares, movimentos sociais, ONG’, dentre outros –, considerando processos e dinâmicas de educação formal, informal e não formal” (PPC - SOCIOLOGIA, 2016, p. 14).

a criação do curso de Licenciatura em Sociologia da UNILAB também se justifica com a promulgação da lei Nº 11.684/2008, que alterou a redação do art. 36 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/1996) e incluiu a sociologia no ensino médio como conteúdo curricular. Não obstante a forte pressão de proprietários de instituições particulares do ensino básico para a flexibilização da lei 11.684/2008, a inclusão dos estudos sociológicos no ensino médio contribuiu para o fortalecimento das licenciaturas em sociologia em todo o Brasil consolidando, definitivamente, a prática educativa como parte da formação do sociólogo” (PPC SOCIOLOGIA, 2016, p. 12).

Além disso, o curso também visa:

Formar profissionais comprometidos com o caráter democrático, inclusivo e a justiça socioeducacional na construção, planejamento e gestão dos sistemas educacionais e particularmente das unidades escolares básicas. Formar profissionais comprometidos com os direitos humanos, e particularmente com o enfrentamento de questões socioambientais, éticas, estéticas e relativas à diversidade étnico-racial, de classe social, gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional e sociocultural como princípios de equidade (PPC - SOCIOLOGIA, 2016, p. 15).

Portanto, percebe-se que, o curso de sociologia na UNILAB tem dupla função na formação do seu discente – sociólogo/a. De um lado, ele forma um profissional da educação. Ou seja, professor/a de sociologia para o ensino básico comprometido com os valores sociais e culturais do seu país, professor que acredita na famosa frase Freiriana “quem ensina aprende ao ensinar”. Ou seja, “quem é chamado a ensinar algo deve aprender primeiro para, em seguida, começando a ensinar, continuar a aprender” (FREIRE, 1978, p. 11-12).

Isso quer dizer que o professor não deve fechar as portas do conhecimento e muito menos o caminho que dá acesso a ele. Dar ao aluno a oportunidade e liberdade de expressar dentro da sala de aula não só, isso significa aceitar a democracia dentro do processo educativo e aprendizagem. Além disso, abre também as possibilidades de produzir novos conhecimentos por meio das opiniões dos alunos. Pois, o objetivo da prática docente é de contribuir para o surgimento de sujeitos do conhecimento, e não de reprodutores de saberes consagrados. O professor é, por definição, um provocador de conhecimento (ALVES, 2003 *apud* PPC – SOCIOLOGIA, 2016, p. 7).

Por outro lado, o curso também forma profissionais atrelados para área da pesquisa em sociologia, e através da pesquisa, esses sociólogos/as podem contribuir no processo de desenvolvimento dos seus países, mormente, no sentido de ajudar os governos na identificação dos problemas que impedem o desenvolvimento do país. Conforme o PPC do curso de sociologia,

O Projeto Curricular Pedagógico do Curso de Licenciatura em Sociologia propõe ao egresso do bacharelado um curso presencial, noturno, com 80 vagas anuais, que aprofundará os estudos em um específico campo do conhecimento em humanidades cujo objetivo é a formação, ao mesmo tempo, do professor e do pesquisador em sociologia.

O lugar da pesquisa na licenciatura em Sociologia na UNILAB segundo PPC do curso de sociologia (2016, p. 7), “não é apenas o da prática de investigação social que melhora o desempenho do professor em sala de aula, mas o ofício próprio do ‘sociólogo’, ou seja,

a análise, reflexão, interpretação e compreensão da realidade social, seja do Brasil ou das demais comunidades de países de língua portuguesa”. Elísio Macamo (2002, p. 14), chegou a afirmar que, “a sociologia não resolve problemas. Ela cria-os”. Com isso, acredito que, o Macamo não estava se referindo a sociologia em si enquanto curso, mas sim, aos sociólogos pesquisadores/formados. Esses não resolvem os problemas, mas assim criam condições não só de resolve-los, mas também de identificá-los e o governo por sua vez, encarrega-se de solucionar os tais problemas.

5.1 Condições de acesso ao curso de sociologia na UNILAB: Funcionamento, Duração, Perfil do sociólogo/a e Área de atuação profissional

Para ser estudante de curso de licenciatura em Sociologia na UNILAB-CE desde a criação do curso em 2014 até 2022 o estudante era condicionado a estudar primeiro o curso de Bacharelado em Humanidades - BHU. Ou seja, o estudante de Humanidades ao chegar na UNILAB, primeiro tinha que estudar, finalizar e ser graduado no curso de Bacharelado em Humanidades – BHU, e depois recebe um diploma que lhe confere título de graduado em Humanidades e conseqüentemente a passagem para a segunda fase chamada – fase da terminalidade.

Em atenção à Portaria nº 383/2010, da Secretaria de Ensino Superior, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) definiu a formação graduada em humanidades em dois ciclos. O primeiro ciclo é realizado no Bacharelado em Humanidades, que oferece uma formação em perspectiva interdisciplinar com o desenvolvimento do senso crítico e da capacidade de investigação social dos estudantes. O segundo ciclo, também chamado de ‘terminalidades’, é opcional ao egresso do bacharelado, sendo formado em sua maioria por licenciaturas (PPC - SOCIOLOGIA, 2016, p. 5).

Na segunda fase, denominada cursos de terminalidades, todos os estudantes provenientes do curso de BHU passam novamente pelo processo seletivo por intermédio de um edital lançado pela coordenação do curso de terminalidade, nomeadamente, Antropologia, História, Sociologia e Pedagogia.

Os estudantes que pretendem estudar a Sociologia recorrem ao edital de Sociologia e realizam a inscrição conforme os critérios apresentados no edital. Após a inscrição, segue-se o processo de análise feita pela coordenação do curso. Sendo assim, os estudantes que tiverem as suas inscrições deferidas ocupam imediatamente as vagas

de terminalidades disponíveis para o curso. É desta forma, que os estudantes ingressam no curso de sociologia na UNILAB.

A forma de ingresso na licenciatura em Sociologia é por meio de edital aberto aos egressos do Bacharelado em Humanidades da UNILAB. O ingresso no Bacharelado em Humanidades é feito pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU), no caso dos estudantes brasileiros, e segundo as normas dos órgãos competentes dos países da CPLP, no caso dos estudantes africanos e timorenses (PPC – SOCIOLOGIA, 2016, p. 8).

Porém, nos últimos tempos, ou seja, na metade do ano 2023 houve algumas mudanças de forma ou critérios para ingressar no curso de licenciatura em sociologia na UNILAB. A partir de semestre 2022.2 tornou-se possível os estudantes matriculados no curso de Bacharelado em Humanidades na UNILAB ingressarem diretamente mediante um edital designado – edital de transferência interna para o curso de sociologia sem, no entanto, finalizarem o curso do BHU.

Na UNILAB, a maior parte das aulas do curso de sociologia funciona no período da noite no campus de palmares I, II e III. E em relação à duração do curso, conforme o PPC – sociologia (2016, p. 2), tem no máximo três anos de duração, divididos em seis semestres de aulas.

Os estudantes formados em curso de sociologia na UNILAB estão capacitados para analisarem qualquer que seja situação política, econômica e social, que envolva os seus países e não só, por intermédio “da prática de docência, pesquisa e desenvolvimento de materiais didáticos, técnicos e ferramentas pedagógicas”. Dessa forma, “contribuindo decisivamente para a formação intelectual dos estudantes da educação básica e superior no Brasil e nos países lusófonos, bem como podem desempenhar atividades de gestão em instituições públicas e privadas de pesquisa e preservação da memória e cultura local” (PPC – SOCIOLOGIA, 2016, p. 15-16).

O perfil do egresso também está em consonância com a Resolução CNE/CP/MEC N° 2/2015, que afirmou a concepção de educação como processo emancipatório e permanente e o reconhecimento da especificidade do trabalho docente, que conduz à práxis como expressão da articulação entre teoria e prática. Nesse sentido, destaca a importância de se considerar, nos processos formativos e na própria atuação profissional, a realidade dos ambientes das instituições educativas da educação básica e em outros espaços educacionais, possibilitando as condições para o exercício do pensamento crítico, a resolução de problemas, o trabalho coletivo e interdisciplinar, a criatividade, a inovação, a liderança (PPC - SOCIOLOGIA, 2016, p. 16).

No que tange à atuação profissional dos estudantes formados em curso de sociologia na UNILAB, segundo PPC (2016, p. 17), os estudantes formados em curso de

sociologia na UNILAB podem atuar em diversas áreas de trabalho, nomeadamente, em “Instituições Públicas, Organismos Internacionais, Organizações Não-Governamentais (ONGs), Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público e Movimentos Sociais e Populares”. Bem como “participando do planejamento, elaboração e coordenação de projetos e programas sociais, educacionais e instituições de pesquisa social do setor público e privado”.

Os sociólogos formados na UNILAB, conforme o PPC do curso de sociologia na UNILAB (2016), podem também atuar na “área da educação básica pública ou privada, organizando conteúdos, planejando, mediando o processo de ensino-aprendizagem e socializando saberes teóricos, metodológicos e técnicos indispensáveis à ação educativa e à análise”. Para melhor “compreensão da realidade social em Instituições de Ensino Superior (IES) públicas ou privadas, caso realizem os estudos de mestrado e doutorado. Também podem atuar no setor editorial, elaborando materiais didático-pedagógicos em suporte impresso, audiovisual ou software”.

5.2 Desafio de ser estudante africano/guineense do curso de Sociologia na UNILAB

Diferente dos estudantes do curso de licenciatura em sociologia na ULG, que deparam com falta de materiais didáticos, como livros por exemplo, e espaço – biblioteca de qualidade que possa responder às necessidades dos estudantes desse curso como um dos seus principais desafios.

Os desafios dos estudantes de sociologia na UNILAB são outros, pois, não se trata de materiais didáticos como por exemplo, livros, artigos, dissertações etc. e nem tão pouco bibliotecas. Mas sim, estão atrelados na adaptação do modelo de ensino brasileiro, da comida, de cultura e linguagem, da segurança de vida, entre outros.

Em relação ao modelo de ensino, os países africanos, os PALOPs por exemplo, os seus modelos de educação não sustentam os três pilares do ensino, que é Ensino, Pesquisa e Extensão, algo que é diferente no sistema de ensino Brasileiro. Muitos estudantes africanos sobretudo de áreas humanas, chegam à UNILAB habituados a um modelo de ensino tradicional baseado simplesmente no ensino no qual o professor é “dono” do conhecimento e o aluno é um simples receptor/consumidor do conhecimento fornecido pelo professor.

Esse modelo não favorece ao aluno, pois, não lhe permite tornar-se dono do seu pensamento. Ou seja, o aluno simplesmente reproduz aquilo que foi produzido pelos

outros. Acontece que, o ensino no Brasil e UNILAB em particular não funciona dessa forma. Na UNILAB além do ensino, existe também pesquisa e extensão. Os estudantes de áreas humanas/sociologia sobretudo, além de são ensinados aprender a pensar por si mesmos e produzir com as próprias mãos, também são conhecidos e reconhecidos como produtores e donos dos seus pensamentos, e isso torna-se um desafio enorme para muitos estudantes guineenses logo ao chegarem na UNILAB.

No que diz respeito à comida, uma boa parte de estudantes guineenses do curso de sociologia na UNILAB têm dificuldades em se acostumar com a comida de refeitório da UNILAB nos primeiros tempos da sua estadia nessa universidade. Uns queixam-se de falta de apetite porque a comida é diferente da que estavam acostumados a comer. Enquanto outros queixam-se de dores de barriga após a refeição. Porém, esse problema é comum a todos os estudantes africanos na UNILAB.

A cultura e linguagem brasileira, também constitui um grande desafio para muitos estudantes guineenses de áreas humanas, e sociologia em particular. Pois, considerando as nossas diferenças enquanto povo de continentes diferente, é óbvio que sempre haveria de ter diferenças em vários aspectos culturais e linguísticas nomeadamente, na forma de ser e pensar, na maneira de se vestir, de falar, compreender e comportar dentro e fora de sala de aula. Autores como Elisângela André da Silva Costa e Elcimar Simão Martins (2016, p. 6), chegaram afirmar que, “as relações culturais nem sempre se dão em processos amistosos, mas marcados por lutas e historicamente situados”.

Posto isto, é importante salientar que, muitos estudantes guineenses do curso de sociologia deparam-se com dificuldades, na comunicação com os estudantes e professores brasileiros. As vezes por questão da variedade linguística, muitos estudantes guineenses não conseguem se entender com os nacionais. Em alguns casos, há certas pronúncias como “rapariga”, “bicha” entre outras, são pronúncias que incomodam os nacionais, mas para os guineenses é normal pronunciar esses termos em qualquer momento e circunstância.

Assim, também certas pronúncias como por exemplo, “puta que pariu” que é uma expressão muito normal no contexto brasileiro, porém, é inadequado no contexto guineense. Saber lidar e viver com base nessas e de mais outras diferenças, é uma questão muito desafiadora para os estudantes africanos e especialmente estudantes guineenses do curso de sociologia na UNILAB.

Segundo Candu et al (2013, p. 37 apud Da Silva Costa e Martins, 2016, p. 6),

As diferenças culturais, de saberes e práticas estão presentes em todos os ambientes educativos ou não. É preciso, porém, garantir que os diferentes sujeitos socioculturais participem de sua construção, assegurando, assim, que a igualdade incorpore as diferenças que, assim, são assumidas como riqueza, rompendo dessa forma, com o caráter monocultural da cultura escolar.

Por fim, muitos estudantes guineenses da área humana/sociologia deixam os seus países com destino ao Brasil – UNILAB com uma clara ideia de antemão dos seus familiares e dos próprios estudantes de que o Brasil é um país com pouca segurança de vida. Pois, por coincidência alguns estudantes logo ao chegarem na UNILAB, Acarape ou Redenção, deparam com algumas situações de assalto ou roubo e isso acaba por confirmar a ideia de que o Brasil é um país sem segurança de vida.

Segundo Antero Mendes (2019, p. 12), “a segurança é um problema social no Brasil, a falta de segurança é uma falha do Estado em fornecer acesso digno à moradia, às escolas e aos serviços básicos e garantir o direito de proteção dos cidadãos”.

Considerando a fala do Antero Mendes, muitos estudantes guineenses, de sociologia que vivem nos municípios de Acarape e Redenção, convivem diariamente com medo de assalto ao saírem de suas casas para UNILAB e vice-versa, e entre outros lugares públicos dos dois municípios nos quais circulam.

A segurança no município de Redenção como no nosso Estado, de maneira geral está passando por um momento crítico [...] faltando a nossa cidade uma guarda municipal. A delegacias só funciona de segunda a sexta feira [...]. Era para ser uma delegacia de polo 24 horas, porque temos estudantes internacionais que carecem de um amparo e a nossa população também que precisa desse amparo principalmente no final de semana a nossa delegacia fechada, foi prometido também que teríamos uma base da polícia Federal por conta da Universidade Federal e até agora não sei se já chegou, acredito que não chegou e estamos passando por um momento crítico na segurança e se logo não aumentar esse efetivo e não cuidarem podemos ter sérios problemas, está a desejar a segurança pública (Entrevistado B)” (MENDES, 2019, p. 13).

De acordo com essa citação em cima, nota-se que a questão de segurança para a vida pública no Brasil, Redenção e Acarape em particular que é um dos municípios onde residem a maioria dos estudantes africanos na UNILAB, continua a ser um problema para a população da cidade.

Portanto, o medo de ser assaltado, roubado ou nos piores casos, assassinado é e continua a ser um dos principais desafios para muitos estudantes africanos, guineenses

residentes nos municípios de Redenção e Acarape e não só, e especialmente os estudantes do curso de sociologia na UNILAB.

5- PERCEPÇÕES DOS SOCIÓLOGOS E SOCIÓLOGAS GUINEENSES FORMADOS NA ULG E UNILAB-CE SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA GUINÉ-BISSAU

De acordo com a análise e interpretação das falas dos nossos entrevistados, percebemos que o ensino de sociologia na Guiné-Bissau encontra-se numa fase de desenvolvimento, aliás, em processo de construção e de aceitação nas escolas públicas (liceus), e nas universidades privadas do país.

A fala dos entrevistados nos permitiu compreender várias posições que a sociologia ocupa enquanto disciplina nos liceus, assim como curso nas universidades guineense. Perguntados sobre a formação em sociologia nas instituições superiores de Guiné-Bissau houve divergência de opiniões. Uns consideram a formação como boa e outros a consideram péssima. Em primeiro lugar, destacamos as falas dos que consideram a formação como boa e as suas respetivas justificações,

Resposta do entrevistado (A), egresso formado pela UNILAB:

Considero bom o ensino da sociologia nas instituições escolares na Guiné-Bissau, embora ainda se encontre em fase embrionária, apesar de atualmente existir muitos sociólogos/as no país. No entanto, gostaria de frisar, que poucas instituições escolares incorporam essas ciências em suas ofertas, pois, optam por visões euro-americanas. Isso de certo modo acaba por se distanciar da aquilo que é a realidade Bissau-guineense.

Resposta do entrevistado (B), estudante concludente de sociologia na UNILAB:

Não classifico a formação dos sociólogos como muito bom, mas sim classifico como bom. Porque, além do ensino ser muito fraco, a composição curricular é totalmente eurocêntrica. Portanto, ele exclui quase toda produção decolonial indispensável para a compreensão das realidades historicamente negadas, incluindo a realidade social e cultural guineense.

Resposta da entrevistada (C), estudante concludente de sociologia na UNILAB:

A meu ver a formação em sociologia nas universidades guineenses é boa, para não dizer péssima, mas com necessidade de melhoramento. Antes de mais, o ensino da sociologia no ensino superior guineense, pontua uma discussão muito introdutória. Minha justificativa será muito abstrata por nunca ter estudado sociologia em Bissau, porém, falo pela informação recebida pelos colegas que estavam a fazer o curso em Bissau, e subscrevo considerando a realidade social que nos atravessa. Por termos um ensino superior cujo perfil é de modelo capitalista por sua tendência de promulgar a educação de uma forma descomprometida com a sociedade. O seu interesse centra-se em formar pela necessidade do mercado de trabalho, assim fica a questão: será que é benéfico ter esse modelo de formação em sociologia?

Diante das respostas acima apresentadas, pudemos perceber uma certa semelhança nas suas respostas, ou seja, mostraram que a formação em sociologia na Guiné-Bissau carece de um conteúdo voltado a realidade local guineense. Aliás, nas suas falas, o que se pode perceber é que os conteúdos abordados na formação em sociologia são mais voltados para a realidade exógena (Euro-Americana), do que endógena (local guineense). Também na fala da nossa última entrevistada, neste caso, a entrevistada (C), por meio da sua visão deu a entender que o processo de formação em sociologia nas instituições superiores da Guiné-Bissau é capitalista. Porque, as universidades se preocupam mais com o dinheiro que os formandos pagam, neste caso as propinas, do que formar sociólogos comprometidos com a realidade política, social e econômica do país.

O entrevistado (D), egresso formado pela ULG, por seu lado, mostra que, *“a formação em sociologia nas instalações superiores da Guiné-Bissau é boa, porque ajuda nas construções das bases que facilitam o funcionamento correto e evolutivo das instituições, também as permitam a darem respostas certas às questões sociais”*.

Depois de apresentarmos as respostas dos que consideram “bom” o ensino de sociologia nas instituições da educação superior guineenses, agora vamos apresentar as respostas opostas dos nossos entrevistados que consideram “péssima” a formação em sociologia nas instituições superiores de Guiné-Bissau.

Resposta do entrevistado (E), egresso formado pela ULG:

Eu considero péssima a formação em Sociologia nas Instituições superiores da Educação em Guiné-Bissau, porque o curso carece de Materiais didáticos e infraestruturas cabais, que permitem o melhor aprimoramento do conteúdo. Já no que concerne a classe docente, existe uma série de limitações, no que diz respeito ao nível académico, a experiência e entre outras.

Resposta do entrevistado (F), estudante concludente do curso de sociologia na UNILAB, *“para mim é péssimo a formação em sociologia nas instituições superiores de Guiné-Bissau, tendo em conta falta de mercado de trabalho e uma formação voltada para estudar a realidade local, com vista a transformação endógeno”*.

Resposta da entrevistada (G), egressa formada pela ULG:

A formação em curso de sociologia nas instituições superiores de Guiné-Bissau é péssima. Porém, em termos de conteúdo existe muita equivalência com as universidades estrangeiras, mas, em termos de pesquisas, estudos de campo que são um dos pilares da sociologia têm havido pouco ou quase nada.

Diante das falas dos que consideram “péssima” a formação em sociologia nas instituições superiores de Guiné-Bissau, podemos perceber tal como realçaram os que consideram “bom” a formação de sociologia no país que os formandos em sociologia deparam com problemas, nomeadamente, materiais didáticos de qualidade e conteúdos abordados dentro de sala de aula, entre outros. Todos os entrevistados mostraram que os conteúdos abordados nas aulas de sociologia não correspondem à realidade local, algo que não ajuda os formandos nessa área de conhecimento.

Outro ponto importante que podemos destacar na fala da nossa entrevistada (G), é a questão de pesquisa. Para ela, a formação em sociologia nas universidades guineenses, sobretudo na ULG carece de um dos principais pilares de formação, nesse caso, pesquisa e extensão. Autores como Midiam Silva Pinheiro, Marize Lyra Silva Passos e Isaura Alcina Martins Nobre (2018), mostram que “a pesquisa é um assunto que vem sendo cada vez mais discutido no âmbito escolar, nas secretarias de Educação e na sociedade. Visto que ela faz parte do processo de ensino”.

Quando perguntamos aos nossos entrevistados quais seriam os desafios e as perspectivas da formação em sociologia na Guiné-Bissau, recebemos as seguintes respostas:

Resposta do entrevistado (A):

Os desafios da Sociologia na Guiné-Bissau são enormes, afinal o país carece de bibliotecas com acervos da Sociologia, fator este que transforma essa formação simplesmente em reprodução, afinal não existe materiais apropriados que servem de base orientadora que todas as instituições deveriam seguir. Em razão disso, existem perspectivas de que as reformulações do curso da Sociologia no país, deveriam tomar viés tanto endógenos quanto exógenos, mas sobretudo a primeira, a fim de mobilizar a compreensão da realidade social interna

Resposta do entrevistado (B):

É fundamental reconhecer a importância da sociologia para a compreensão dos problemas socioculturais e sociopolítico guineense. Sendo assim, o Estado precisa apostar numa formação dos sociólogos com capacidade intelectual de analisar, interpretar e compreender o social guineense, isso será fundamental para a criação das políticas capazes de atender as demandas locais. Compreender este facto, significa reconhecer que a Guiné-Bissau já deve parar de formar "sociólogo-espelho" que reproduz o conhecimento de tal modo que é absorvido, sem a consciência crítica, capacidade de propor/produção (d)os novos saberes numa perspectiva guineense.

Resposta do entrevistado (F): “Os desafios englobam falta de infraestrutura, professores qualificados, falta de liberdade de exercer a profissão e uma formação crítica para conhecer a realidade local”.

Com base nas respostas, podemos perceber que os desafios e as perspectivas para o curso de sociologia na Guiné-Bissau são enormes. Pois, é preciso que haja o reconhecimento do valor de curso de sociologia por parte do Estado, apostar no investimento do curso e melhorar a situação das bibliotecas, materiais didáticos, infraestruturas, melhorar também a qualidade de formação dos professores e os seus salários, definir um currículo de ensino que corresponda com a realidade sociopolítica e econômica Bissau Guineense, tal como disse a entrevistada (C):

Inicialmente, os desafios instalam-se em definir que modelo de educação é adequado ao país, função essa que deve ser desempenhado pelo Estado através do Ministério da Educação (coordenação de ensino superior), definir perspectivas de uma educação do modo geral que corresponda com a realidade do nosso país. Só assim que teremos um olhar referente de formação em sociologia que a Guiné-Bissau precisa.

A fala da entrevistada (C) vai ao encontro da fala da entrevistada, (H), egressa formada pela ULG, segunda ela:

Os desafios de formação em curso de sociologia na Guiné-Bissau são grandes, pois a desorganização das instituições para formação dos profissionais da área de Sociologia é notável sobretudo na falta de meios financeiros por parte dos estudantes, o que de certa forma contribui na fraca qualidade do profissional. Falta de materiais, poucas horas de aulas durante a semana, motivação para os estudantes, aulas extracurriculares e estágios. Cursar Sociologia na Guiné não é uma tarefa fácil, mas os mecanismos a serem adotados para a capacitação dos estudantes nas universidades poderia ser seminários, workshop e intercâmbios. Esses mecanismos poderiam ser incluídos no plano pedagógico de curso de Sociologia, pois, serviria de grande ajuda para os futuros sociólogos do país. Também seria uma excelente ideia o apoio do Estado junto com as instituições para a formação dos quadros competentes e aptos para assumir o comando bem como investir e incentivar mais a produção de trabalhos científicos sobre a realidade guineense.

Na fala da entrevistada, destacamos alguns pontos chave e que de certa maneira merece o nosso comentário. Primeiro, a questão de falta de materiais didáticos para o curso e tempo destinado para a aula. Ou seja, na fala da nossa entrevistada percebemos que as horas destinadas às aulas do curso de sociologia nas universidades guineenses, sobretudo na ULG são poucas e que de certa forma acaba afetando negativamente o processo de formação dos alunos. Segundo ponto importante destacado é a questão de motivação dos alunos. Sabe-se que, a motivação é um aspecto fundamental em qualquer

que seja trabalho ou estudo. Sem ela torna-se quase impossível pensar numa formação de qualidade e eficaz dos estudantes.

A terceira questão destacada tem a ver com a preocupação sobre o problema financeiro com que os alunos deparam durante a formação. Para ela, continua a ser um desafio intenso para muitos estudantes e os seus encarregados da educação. Essa preocupação vai ao encontro daquilo que o autor guineense, Sucuma (2017, p. 47-48), vai dizendo que,

Uma das grandes dificuldades da maioria dos alunos da universidade na Guiné-Bissau está no pagamento da mensalidade, visto que os encarregados de educação dos alunos são funcionários do Estado que possuem um piso salarial muito baixo e insuficiente para cobrir as despesas alimentares, saúde e educação, e ainda são descontados neste baixo salário os impostos. Sendo assim, o governo deveria assumir a despesa da taxa cobrada pela universidade, pois é um dever do Estado atender as demandas da sociedade em deferentes aspectos. Aliás o Governo deveria criar uma universidade pública mantida plenamente pelos recursos públicos do Estado, permitindo que todos os cidadãos tenham possibilidades de acesso ao ensino superior.

Em seguida, confrontados com a questão de como avaliam a percepção da sociedade guineense sobre a sociologia enquanto curso de formação, as repostas foram unânimas. Todos disseram que o curso de sociologia é desconhecido pela sociedade guineense, também considerada menos importante em comparação com os outros cursos, como, Direito, Medicina, Enfermagem, Jornalismo, Engenharias, entre outros.

Resposta da entrevistada (H):

A Sociologia como ciência da atualidade, surgiu no século XIX tendo caráter científico, pois, número significativo dos guineenses não tem conhecimento sobre a Sociologia e que papel tem um sociólogo bem como o lugar que ocupa. Pois, muitos subestimam os profissionais de curso de Sociologia. São considerados inconsistentes perante a sociedade. Contudo, a sua implementação no currículo académico nas universidades é recente, por isso muitas pessoas bem como os nossos pais e avós não têm noção do que se trata a Sociologia, ou seja, qual é o seu papel perante a sociedade. Uma vez, na minha presença, uma senhora fez as seguintes perguntas à sua filha que estuda a sociologia: filha, qual é o nome do curso que estás a formar? É medicina ou quê? E onde tu vais trabalhar assim que terminares os estudos? Isso mostra o quanto não têm noção do que é Sociologia e nem como se aplica na sociedade guineense.

Resposta da entrevistada (C):

A sociologia tem pouco valor na sociedade guineense, no seio das formações profissionais, isto porque não foi definida a especificidade de localização da sua função. Porque profissionais formados nessa área são encontrados em diversas áreas de atuação, tanto políticos assim como áreas sociais. Por sequencias de instabilidades políticas vividas no país torna-se difícil

encontrar resultados palpáveis do trabalho dos sociólogos e a sua importância na sociedade, como no caso de médicos, engenheiros e contabilísticas.

Resposta do entrevistado (B):

A sociologia é uma área pouco conhecida ainda no país, porque enquanto disciplina, é historicamente desconhecida na realidade guineense. Apesar de ser inserida na reforma curricular em 2010, no terceiro grupo, mas a realidade continua sendo a mesma, porque nem um terço das instituições escolares (com 10º, 11ª e 12ª) conseguem lecionar a disciplina, até porque as escolas de formação dos professores não têm o curso de sociologia que vai formar professores que acompanham a institucionalização da disciplina. A consolidação da sociologia enquanto disciplina e enquanto curso está a ser compreendida como uma afronta ao Estado guineense devido a consciência crítica que os sujeitos nele formado adquirem.

Nessa fala do entrevistado (C), pudemos perceber certa semelhança com a resposta do entrevistado (D), que vai dizer “*a sociedade guineense é uma sociedade que não conhece bem a sociologia e muito menos a sua função e importância que tem na construção das sociedades, porque é um curso recém-recebido no nosso país*”.

Com isso, podemos constatar que a sociologia é um curso menos conhecido na sociedade guineense em comparação com outros cursos como Direito, Enfermagem, Economia, Administração pública, entre outros, mas também é um curso menos rentável economicamente e sempre questionado sobre o seu espaço de atuação e salário ganho por quem é formado nessa área.

Resposta do entrevistado (E):

Poucos guineenses conhecem a sociologia. Acredito que a sociedade guineense ainda está confusa correlação a função de sociólogo. Muitos acreditam que a área da sua formação tem tudo a ver com o que se pretende trabalhar, levantando sempre a questão "bu na Estuda Sociologia pá bim tarbadja na nundê" então só nisso dá para perceber que ainda falta muito a entender em relação a Sociologia, ainda que este é das mais versáteis que conheço.

Não é fácil estudar o curso de sociologia dentro ou fora da Guiné-Bissau, pois para quem é estudante dessa área de conhecimento, é sempre desafiado entre familiares e amigos com perguntas sobre o significado do curso e lugares nos quais trabalha pessoas formadas nessa área. Não obstante, atualmente através das figuras como Miguel de Barros, que é um dos mais conhecidos sociólogos guineenses dentro e fora do país e a socióloga Yolanda Garrafão, estudante egressa da UNILAB que criou um dos maiores movimentos sociais de atualidade que luta pela erradicação de violências contra mulheres na Guiné-Bissau (*Muvumentu mindjer i ka tambur*) que literalmente significa “mulher

não é tambor”. Muitos guineenses, por meio das contribuições desses sociólogos acabam conhecendo a sociologia e a sua importância para o país.

Ao questionarmos aos nossos entrevistados se a sociologia tem contribuído ou está a contribuir para o desenvolvimento da Guiné-Bissau, de um lado tivemos respostas satisfatórias, ou seja, a maior parte dos entrevistados responderam que “sim” ela contribui, através de pesquisas realizadas nessa área que de certa forma auxilia o Estado no processo de desenvolvimento do país.

Resposta da entrevistada (C):

A sociologia contribui sim, podemos mencionar o Miguel de Barros como referência de contribuição de sociologia no processo de desenvolvimento do país, por meio do projeto Tiniguena que o Miguel lidera. Atualmente, esse projeto defende e protege o meio ambiente na Guiné-Bissau, assim como forma e sensibiliza a população. Também o projeto luta pela criação das leis que protegem as florestas sobretudo uma parte da ilha de Bubaqui. Por outro lado, é louvável os trabalhos dos professores de sociologia nas universidades privadas de Bissau e não só, embora, ainda falta muito por fazer.

Resposta do entrevistado (A):

A Sociologia tem desempenhado papel estratégico, ainda está contribuindo no desenvolvimento multissetorial do país. Apesar da sua tardia implantação nas instituições escolares e nas formações superiores, podemos afirmar que ela enquanto ciência tem auxiliado o país ao longo do seu percurso de afirmação enquanto Estado-nação.

Por outro lado, alguns entrevistados disseram que a sociologia não contribui no processo de desenvolvimento do país, como podemos ver na resposta do entrevistado (F), “a sociologia não contribui no processo de desenvolvimento do país, porque ela não é vista como agente que pode participar no processo de desenvolvimento como ciências exatas”. A resposta do entrevistado (B), por outro lado, mostra que:

A sociologia é uma área muito invisível ainda na sociedade guineense, dado que, não tem nenhuma instituição escolar pública que tem o curso de sociologia. Atualmente, tem se verificado a implementação do curso nas instituições privadas comprometidas em formar "sociólogo-espelho" com capacidade de reproduzir um conhecimento ocidental.

Nas falas dos nossos entrevistados, é possível perceber que a sociologia está muito longe de ser uma ciência contribuidora no processo de desenvolvimento da Guiné-Bissau, porque o Estado não vê nela uma área prioritária e que pode contribuir no processo de desenvolvimento do país como qualquer outra área de conhecimento.

Relativamente ao lugar de Sociologia nos liceus e nas universidades guineenses, de acordo com as falas dos entrevistados, dá para ver que a sociologia tanto nos liceus, assim como nas universidades, não ocupa lugar de destaque, porque ela não é disciplina obrigatória nos liceus como matemática, português, geografia e demais disciplinas são.

Resposta do entrevistado **(D)**,

A sociologia não ocupa o lugar central nas universidades guineenses e como nos liceus do país, porque não tem uma grande aceitação como outros cursos, caso de Direito, Medicina e Economia. Mas, o certo é que, ela está a ser reconhecida cada vez mais pelo contributo que os sociólogos têm dado nos últimos anos.

Nas Universidades, embora, segundo a entrevistada **(G)**, “*muitos alunos que terminam o liceu na Guiné-Bissau estão se interessar em estudar a sociologia nas diferentes universidades*”. No entanto, é necessário salientar que, na Guiné-Bissau nem todas as universidades têm a sociologia como opção de formação. Isso deve-se ao facto da sociologia “*ocupar uma posição "invisível" nas escolas públicas e nas universidades devido a sua fraca institucionalização*” (Entrevistado – **B**).

Essa fala do entrevistado **(B)** vai ao encontro da seguinte fala do entrevistado **(A)**:

A Sociologia no ensino médio a nível nacional não tem assumido e nem afirmado no “chão” das escolas, ou seja, existe grande défice na sua implementação tanto a nível médio como nas instituições superiores, e só recentemente que algumas escolas privadas têm assumido a incorporação dessa ciência nos seus currículos.

Em relação à utilidade dos trabalhos produzidos pelos sociólogos guineenses na formação de curso de sociologia na Guiné-Bissau, segundo as informações recolhidas por parte dos nossos entrevistados, percebemos que esses trabalhos tem contribuído no processo de formação dos estudantes de sociologia, e de desenvolvimento do país através de uso de alguns trabalhos como referências de discussões dentro de sala de aula, assim como nas pesquisas e produções dos trabalhos de conclusões de curso.

Segundo o entrevistado **(D)**, “*os trabalhos produzidos pelos sociólogos guineenses na formação de curso de sociologia na Guiné-Bissau, tem um grande aproveitamento no campo académico e profissional, também nas produções de trabalhos científicos*”. Esta resposta do entrevistado – **(D)** está em conformidade com aquilo que o entrevistado **(A)** vai dizer,

Os trabalhos produzidos pelos(as) Sociólogos/as guineenses têm impactado positivamente as descobertas daquilo que eram

desconsiderados enquanto conhecimentos. Importa-se realçar que atualmente existe uma produção massiva sobre Guiné-Bissau, e sobretudo, os trabalhos produzidos no Brasil que procuram refletir os fenômenos sociais bissau-guineense, deixando os contributos para possíveis produções acadêmicas voltadas à Sociologia. Em suma, faz sentido apontar que esses trabalhos são engajados os sociólogos/as, tomam caráter interdisciplinar para responder as complexidades daquilo que se apresenta a sociedade bissau-guineense.

Portanto, com base no que foi apresentado em cima, percebemos que a sociologia enquanto curso e disciplina apesar da sua fraca ensino nas instituições públicas e privadas do país, mas ela é vista pelos nossos entrevistados como uma área de conhecimento que pode não só contribuir positivamente na conscientização da população guineense, mas também no desenvolvimento do país através das pesquisas que essa área de conhecimento pode fornecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, o sistema educativo guineense é caracterizado pela precariedade e desajustamento face às necessidades das suas populações. Isso deve-se essencialmente a fraca percentagem orçamental destinada à educação. Por isso, o sistema tem enfrentado dificuldades estruturais que vêm sendo reconhecidas pelos pesquisadores/atores nacionais e internacionais que se interessam pela pesquisa sobre a educação na Guiné-Bissau.

O ensino de sociologia na Guiné-Bissau começou praticamente em 2010 com a reforma curricular feita nesse ano. E de lá para cá essa ciência não consegue garantir um lugar de destaque tanto nos liceus, assim como nas universidades do país. No primeiro caso, a sociologia não é uma disciplina obrigatória para todos os grupos como são a Matemática, português, Geografia entre outras. Sendo assim, nem todos os alunos estudam a sociologia. Aliás, os que estudam a sociologia são aqueles que optam por fazer o terceiro ou quarto grupo. No segundo caso, isto é, as universidades, nem todas oferecem a sociologia como curso, e as vezes alegam falta de interesse por parte dos estudantes ou falta de professores para lecionar esse curso.

Os estudantes que decidem estudar a sociologia na Guiné-Bissau e não só, são confrontados entre familiares e amigos com as seguintes perguntas: *buna studa sociologia pa bin tarbadja na nunde? Kantu ku um sociólogo ta ricibi? Bo ta tarbadja na banco?* Traduzindo essas perguntas para o português, significa que, “Estudas sociologia para trabalhar aonde?” “quanto é que ganha um sociólogo?” “os sociólogos

trabalham nos bancos?”. Isso revela de um lado, falta de conhecimento da sociedade guineense sobre a sociologia, e por outro lado, denota que a preocupação da sociedade guineense em relação a formação em sociologia, reside no ganho financeiro dos formandos após a conclusão do curso.

De modo geral, este trabalho pressupõe compreender por meio da visão dos egressos formados pela ULG e UNILAB-CE sobre o Ensino de Sociologia na Guiné-Bissau. Posto isto, através do objetivo no nosso trabalho, conseguimos perceber que a sociologia é um curso desconhecido no seio da sociedade guineense, e o seu ensino nas instituições escolares da Guiné-Bissau, não se encontra completamente desenvolvido, embora, o país possui atualmente muitos Sociólogos/as formados em diferentes universidades da Guiné-Bissau e não só, principalmente na ULG e UNILAB. Em termos de conteúdos abordados nas aulas de sociologia, de acordo com a compreensão dos nossos entrevistados, concluímos que existe mais abordagem de autores externos, sobretudo euro-americanos do que autores nacionais ou do sul global.

Por fim, esperamos que este trabalho possa contribuir para o desenvolvimento do ensino de sociologia na Guiné-Bissau, e fazer a sociologia ganhar o espaço tanto nos liceus, assim como nas Universidades do país. Visto que, a sociologia não é vista pelo Estado guineense ou a sociedade como uma área de conhecimento importante como Direito, Medicina, Economia entre outros são.

REFERÊNCIAS

- BARRI, Mussa. **Políticas Educativas na Guiné-Bissau (1999-2019): a promoção de acesso ao ensino básico**. 2021. 56 f. **Dissertação (Mestrado Acadêmico em Administração Escolar)** – Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas do Instituto Universitário de Lisboa – ISCTE. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/24820/1/master_mussa_barri.pdf . Acesso em: 12 nov. 2023.
- BRASIL. **Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010**. Dispõe sobre a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, n. 138, 21 jul. 2010.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Trad: Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DA SILVA COSTA, Elisângela André; MARTINS, Elcimar Simão. A UNILAB e os desafios da integração internacional: uma reflexão sobre África e Africanidades na formação de professores. **Rev. Vozes, Pretérito & Devir Dossiê Temático: História, África e Africanidades**; v. 6, nº 1, p. 21, 2016. Disponível em: <http://revistavozes.uespi.br/index.php/revistavozes/article/view/131> . Acesso em: 15 jul. 2023.
- DAYRELL, Juarez; BATISTA REIS, Juliana. Juventude e Escola: Reflexões sobre o Ensino da Sociologia no Ensino médio. *In: XIII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA*; 2006; Recife. **Anais...** OLIVEIRA, Evelina Antunes e PLANCHEREL, Alice Anabuki. Leituras sobre sociologia no ensino médio. Maceió: Edufal, 2007. Disponível em: <https://ensinosociologia.milharal.org/files/2010/09/Dayrell-e-Reis2007-Juventude-Escola.pdf> . Acesso em: 15 set. 2023.
- DE MELLO, Aymara Montezuma; SOUZA PAIN, Rodrigo de. POR UMA SOCIOLOGIA GUINEENSE ENTREVISTA COM DIAMANTINO DOMINGOS LOPES. **Rev. Perspectiva Sociológica**, n.º 25, p. 4-16, 2020. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/7nbhqxgnx5c37kfybmo6a7zpdq> . Acesso em: 15 jun. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Ed. 17. Rio de Janeiro, Editora: Paz e Terra, 1987.
- GOMES DA SILVA, Eguitainy Joaquim; PRADO, Edna Cristina do. A EDUCAÇÃO NA GUINÉ-BISSAU IMPACTOS DE UMA INDEPENDÊNCIA TARDIA. *In: IX ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS (EPEAL)*, 5; 2019; Maceió. **Anais...** Maceió: Nov. 2029. Disponível em: <https://doity.com.br/anais/ixepeal/trabalho/125707> . Acesso em: 10 dez. 2023.
- IANNI, Octávio. **Sociologia da Sociologia Latino-Americana**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1971.
- MACAMO, Elísio. A Constituição duma Sociologia das Sociedades Africanas. **Rev. Estudos Moçambicanos**; Universidade de Bayreuth, Alemanha, p. 5-26, 2002. Disponível em: https://www.mozambiquehistory.net/periodicals/estud_moc/19/macamo_em_19.pdf . Acesso em: 13 jul. 2023.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. - São Paulo: Atlas, 2010.

MENDES, Antero. A presença dos estudantes internacionais em Redenção: práticas de sociabilidade e segregação no espaço urbano. **Rev. África e Africanidades – Ano XII**; nº 32; p. 20, 2019. Disponível em: <https://africaeaficanidades.com.br/documentos/0050112019.pdf> . Acesso em: 15 out. 2023.

M'MENDE, Celeste Silva Vuap. RÖWER, Joana Elisa. Ensino de Sociologia nos países da CPLP. **Rev. Café com Sociologia**; v. 8, n. 1, p. 48- 65, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/40600790/Ensino_de_Sociologia_nos_pa%C3%ADses_da_CPLP . Acesso em: 10 jun. 2023.

NHAGA, Jacira. **OS CAMINHOS PÓS-FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA: OS DESAFIOS DOS EGRESSOS GUINEENSES**. 2023. 24 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/3486> . Acesso em: 20 jul. 2023.

PINHEIRO, Midiam Silva; PASSOS SILVA, Marize Lyra; MARTINS NOBRE, Isaura Alcina. IMPORTÂNCIA DA PESQUISA NA FORMAÇÃO DOCENTE PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA REFLEXIVA. **Rev. Eletrônica DECT**; Vitória (ES), v. 8, n. 01, p 104-127, 2018. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/dect/article/view/1053> . Acesso em: 15 dez. 2023.

REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU, **Relatório da UNESCO sobre o estado do sistema educativo nacional de Guiné Bissau**, 2016.

SARANDY, Flávio Marcos Silva. Reflexões acerca do sentido da sociologia no Ensino Médio. **Rev. Espaço Acadêmico**; Ano I; nº 05; p. 1-7, 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/praxis/481/05sofia.pdf?sequence> . Acesso em: 10 out. 2023.

SUCUMA, Arnaldo. A Conjuntura do Estado e Ensino Superior na Guiné-Bissau. **Rev. Estudos de Sociologia**; Recife; vol. 1 nº 23; p. 53, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revsocio/article/view/235797> . Acesso em: 20 set. 2023.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA. **PROJETO PEDAGÓGICO CURRICULAR DO CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA, REDENÇÃO – CEARÁ – BRASIL**, 2016.

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DA GUINÉ-BISSAU. Departamento de Ciências da Educação, Comunicação, Marketing, Sociologia e Literaturas – **Plano curricular do curso de licenciatura em Sociologia**, 2015.